

136

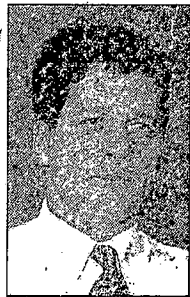
Campanha para o Buriti pode ser decidida pelo vice

Fica claro que os três principais candidatos ao governo do Distrito Federal vão precisar de companheiros bons de voto

Paulo Pestana
Da equipe do **Correio**

Um ano antes da escolha dos novos governantes e legisladores, o Correio Braziliense abre a possibilidade de uma reflexão com um amplo material para discussão. As interpretações podem ser as mais diferentes possíveis, mas a revelação da intenção de voto do brasiliense incomoda alguns políticos, mesmo que eles não sejam surpreendidos pelos números — a maioria tem resultados semelhantes em consultas encomendadas por seus partidos. Mas essas pesquisas eram mantidas em sigilo, como peças importantes para a estratégia de cada uma das campanhas.

Quebrado o segredo, todos os candidatos têm a ganhar com a publicação desta pesquisa, mas quem vai lucrar mais é o eleitor, que vai descobrir como o Distrito Federal pensa a respeito de seus candidatos. Se a eleição fosse hoje, Joaquim Roriz, do PMDB, estaria eleito, já que ganha em qualquer simulação de segundo turno, mas os



números do ex-governador devem ser olhados com cuidado. A rejeição é um fator complicador para Roriz, embora pareça razoável (26%), já que é altíssima entre os universitários, público formador de opinião (68%). E os motivos estão longe de serem nobres: "não fez bom trabalho" (30%), "favelou Brasília" (27%) e "corrupção" (10%).

Por esta visão quem está na melhor situação entre os três principais concorrentes é Cristovam Buarque, que experimenta um período de refluxo nas críticas a seu governo. O motivo mais forte de rejeição ainda é "não fez bom governo" (43%), mas já há uma reversão, em relação às pesquisas anteriores, que tem quase um ano para ser confirmada, um bom prazo para quem tem dinheiro em caixa como o atual governo. O segundo maior índice de rejeição é uma batalha perdida (10% não gostam do PT), mas que pode ser compensada com uma ainda possível aliança com Augusto Carvalho.

O senador José Roberto Arruda, que não se assume como candidato mas também não sai da propaganda eleitoral gratuita, tem o menor índice de rejeição entre os três principais candidatos, o que é evidentemente bom. Os aliados de Arruda, no entanto, esperavam que ele estivesse melhor, principalmente porque o maior fator de rejeição é

"não conheço o trabalho dele" (25%), apesar de tanto discurso pelo éter. Arruda terá que lidar também com fatores aleatórios como "não gosto, não simpatizo" (12%), "não confio nele" (11%).

A pesquisa do Instituto Soma revela claramente que a onipresença política ainda é a melhor estratégia, como se pode apreender dos números conseguidos pelo deputado distrital Luiz Estevão, o grande campeão da consulta popular. Sua ação em todas as regiões do Distrito Federal, sempre marcante, e o baixo índice de rejeição, fazem dele um bom candidato para qualquer cargo. Sua presença num palanque, aliada ao poder de Roriz, pode suprir a falta de puxadores de voto do PMDB para os cargos nos legislativos.

Também fica claro que todos os três principais candidatos ao governo do Distrito Federal vão precisar de vices bons de voto. Mais até: vices que agreguem valor. Roriz, por exemplo, precisa de alguém que supra sua deficiência entre os formadores de opinião e no Plano Piloto; Cristovam precisa de algo mais que um petista fiel e Arruda tem de buscar um vice popular para quebrar o gelo e crescer em todas as regiões. Todos eles têm tempo para isto. Esta pesquisa é apenas o começo da campanha.